"D. DE NOTICIAS" 3.9.84

# É irónico e trágico que Cabora-Bassa esteja improdutiva por insegurança

## — afirmou Mário Soares quando ontem visitou o complexo moçambicano

**No terceiro dia da visita oficial a Moçambique, Mário Soares afirmou junto da barragem de Cabora Bassa que «é irónico, para não dizer trágico, que este empreendimento esteja improdutivo devido à insegurança na área». Entretanto, a televisão sul-africana transmitiu ontem uma reportagem sobre a visita de Soares, o que os observadores políticos do Maputo interpretaram como reflectindo o interesse crescente de Pretória pela realidade moçambicana e também pelas relações deste país com Portugal.**

**Encarnação Viegas**
Enviado especial

TORNA-SE evidente que a ida de Mário Soares a Cabora Bassa constitui, em primeira instância, a reafirmação do interesse português na solução do problema que assenta fundamentalmente, em coordenadas políticas, já que existem meios técnicos e financeiros para o ultrapassar.

Se a essa presença, que encheu «de orgulho» o chefe do Governo português «pela obra que a engenharia portuguesa foi capaz de erguer», quisermos dar um sentido mais amplo, veremos nela, da mesma forma, a ratificação da política de diálogo enceta da por Samora Machel e que já conduziu ao acordo de N'Komati, e que terá, provavelmente, de se alargar a outras áreas para que se chegue aos resultados perseguidos, ou seja a pacificação do país.

Tida como elemento fundamental para o arranque de um processo de recuperação económica, a segurança em Moçambique, reclamada pelos potenciais investidores, está ainda longe de ser alcançada.

O entendimento com a África do Sul em matéria de defesa das linhas condutoras de electricidade que da barragem se destinam àquele país, não eliminou, por inteiro a «luta de guerrilha» que se desenvolve no interior de Moçambique, cujos dirigentes reconhecem o recrudescer das infiltrações no seu próprio território, confirmando mesmo «que se combate a 30 quilómetros do Maputo».

Verifica-se, com efeito, um recrudescimento da luta armada, o que é confirmado pelos dirigentes moçambicanos, que atribuem o facto a elementos «exógenos» que, curiosamente, se agravaram após a assinatura do acordo entre Lisboa, Pretória e Maputo, no tocante à vigilância das linhas eléctricas que, de Cabora Bassa deveriam transportar a energia para a África do Sul.

É a dispersão de esforços a que tais confrontos obrigam e, na óptica dos responsáveis, o grande culpado do colapso da economia do país, igualmente prejudicada com os resultados de fenómenos naturais que obrigaram a apelos à solidariedade internacional e a considerar a província de Tete como «zona de calamidade».

Embora tivesse estabelecido prioridade nas áreas produtivas, Moçambique não consegue, no entanto, concretizar os seus objectivos devido à ineficácia do seu sistema produtivo, sem hipótese de escoamento dos produtos que nem sequer chegam para satisfazer as exigências dos mercados locais — e, igualmente carecido das matérias-primas que não vão para as unidades transformadoras pelas insuficiências da rede de transportes também imobilizada, ou por falta de divisas quando aquelas têm de ser adquiridas no exterior.

Poderá apontar-se, como exemplo, o que se passa nas minas de carvão de Moatize, no Norte do país, cuja capacidade de produção instalada é da ordem do milhão de toneladas/ /ano.

Os projectos de exploração inicialmente estabelecidos para o ano em curso apontavam para as 300 mil toneladas, previsão que foi mais tarde corrigida para níveis mais baixos, podendo adiantar-se que, até agora, apenas se produziram 70 mil toneladas, na sua quase totalidade destinadas a operações de «stockagem», já que a venda de carvão para o mercado (mesmo para o Sul do País e em particular para o Maputo) lhe está interdita, pela inoperacionalidade da linha férrea que liga ao porto da Beira, e também não pode fazer-se por estrada, não só pelos riscos que daí adviriam, como pelos reflexos que tal comportamento viria a ter no preço de venda.

Assim, quase se poderá afirmar que, em Moçambique, o comércio parou e a laboração industrial está reduzida aos níveis mínimos de actividade, o que, aliás, os dirigentes do país não escondem — louve-se tal atitude —, perfilhando uma política de verdade que os leva a aceitar as realidades em toda a sua dimensão.

Ontem mesmo um responsável regional pelas Finanças e Plano, reconhecia que «há fome em Moçambique», adiantando que devido a «carências alimentares» tinham morrido em Tete, de Janeiro a Abril deste ano «cerca de cinco mil pessoas», designadamente crianças e idosos.

Moçambique está, assim, numa situação delicada. Não produz por falta de estruturas, comprometidas as poucas que existem, pela situação de beligerância que se observa nalguma regiões do país e por carência de financiamentos para que estas possam ser criadas de forma a que as riquezas naturais possam ser devidamente exploradas.

Esses capitais terão de vir, na maior parte, do exterior, o que só se tornará possível com a pretendida pacificação, que não se sabe bem como se poderá alcançar.

Mas é curioso observar que não há manifestações de desânimo, porque muito se espera dos apoios internacionais e da cooperação que se aguarda, com os países de maior potencial económico.

Os específicos interesses portugueses não foram, ontem, esquecidos por Mário Soares. Foi à Beira para um contacto breve mas elucidativo com a comunidade portuguesa local, que ouviu do chefe do Governo as palavras de ânimo necessárias para prosseguir numa colaboração que os próprios moçambicanos estimam. «Vamos avançando», diria Marcelino dos Santos, a propósito desse relacionamento com os nossos compatriotas.

Foi ainda na Beira que Mário Soares recebeu uma delegação constituída pelas mulheres dos nossos compatriotas ali detidos há cerca de um ano, sem culpa formada, e que constitui «uma das suas preocupações» nesta deslocação.

O interesse do chefe do Governo português é evidente, e, hoje mesmo, a questão será debatida com o Presidente Machel, no encontro que decorrerá antes ainda do almoço.